



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS/CAMETÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
NUCLEO DE BAIÃO

RIVALDO ANTONIO DIAS DOS SANTOS

**EDUCAÇÃO E SABERES CULTURAIS: A EXPERIÊNCIA DA COMUNIDADE
QUILOMBOLA SÃO JOSÉ DE ICATÚ**

BAIÃO/2019

RIVALDO ANTONIO DIAS DOS SANTOS

**EDUCAÇÃO E SABERES CULTURAIS: A EXPERIÊNCIA DA COMUNIDADE
QUILOMBOLA SÃO JOSÉ DE ICATÚ.**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado a Faculdade de Educação do Campus Universitário do Tocantins/UFPA-Cametá, como exigência parcial, para a obtenção do Grau de Licenciatura Plena em Pedagogia, sob a Orientação da Prof.^a. Dr.^a. Benedita Celeste de Moraes Pinto.

Baião/2019

RIVALDO ANTONIO DIAS DOS SANTOS

**EDUCAÇÃO E SABERES CULTURAIS: A EXPERIÊNCIA DA COMUNIDADE
QUILOMBOLA SÃO JOSÉ DE ICATÚ.**

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Benedita Celeste de Moraes Pinto
Orientadora

Prof^ª. MSC. Ellen Rodrigues da Silva Miranda
Avaliadora

Prof^ª. Msc. Maria Gorete Cruz Procópio
Avaliadora

Este trabalho é dedicado à minha família:

Ao meu pai Raimundo Aloisio Carmo dos Santos e minha mãe

Lourença do Socorro Dias dos Santos;

Ao meu irmão, Raimundo Rodrigo Dias dos Santos;

Às minhas irmãs, Rita de Cassia Dias dos Santos e Rute Helena Dias
dos Santos.

A todos os pretos e pretas velhas da Comunidade Quilombola São
José de Icatu, símbolo de sabedorias, resistências e de lutas por
igualdade e oportunidades para o seu povo, entre o qual me incluo e
busco inspiração para também resistir e lutar.

AGRADECIMENTOS

Para realização deste estudo, contei com o apoio de pessoas que foram fundamentais em todo esse processo, e sem elas, digo que seria impossível a realização deste sonho.

Quero agradecer em primeiro lugar ao meu todo poderoso Deus, por ter me dado o dom da vida, e a oportunidade de chegar a esse momento tão importante para mim.

Agradeço a minha família, em especial meu pai, o senhor Raimundo Aloisio Carmo dos Santos, e minha mãe, a senhora Lourença do Socorro Dias dos Santos, que me ensinaram os princípios morais de respeito e amor ao outro, sempre me dando apoio moral e financeiro em todas as etapas da minha vida, me dando incentivo para concretização de meus objetivos.

Agradeço minha Comunidade Quilombola São José de Icatu, que sempre me acolheu em seu seio, como membro importante na luta comunitária, e assim me declarando como quilombola, podendo adentrar a Universidade pelo Sistema Cotas Raciais.

Ao meu cunhado, Jocias Sousa da Silva, que disponibilizou sua moto para o percurso até a universidade na cidade de Baião-Para no período do curso e durante a pesquisa de campo.

Aos alunos da escola Artur Igreja, que não mediram esforço para ajudar, concedendo entrevistas, e participando nas atividades desenvolvidas durante a pesquisa.

Também quero deixar meus agradecimentos ao presidente da comunidade, o senhor Floriano Lopes Farias, que muito contribui com seus conhecimentos e vivencia na comunidade.

Ao professor da Comunidade, o senhor, Domingos Flavio Lopes Farias, que ajudou na minha formação, sendo meu segundo professor no começo da minha vida escolar, e por ter um amplo estudo sobre as questões quilombolas pode contar com seu apoio no percurso da pesquisa.

Agradeço a minha orientadora a professora doutora Benedita Celeste de Moraes Pinto, que aceitou o desafio de construirmos juntos este estudo, me auxiliando com seus conhecimentos, sendo para mim uma referência significativa nas questões sobre comunidades Quilombolas.

A professora Msc. Elen Rodrigues da Silva Miranda, militante do movimento negro/quilombola, e sempre está junto das comunidades quilombolas, somando força na luta pelos direitos do nosso povo.

Aos discentes da turma de pedagogia-2015, pelos conhecimentos tocados nos quatro anos de curso, em especial, a minha equipe de trabalho, representada pela colega Cristiane Barros Gaia, que sempre me auxiliou nos momentos difíceis do curso.

Aos professores e professoras, do curso de Pedagogia, pelos conhecimentos e experiências repassadas durante as atividades acadêmicas.

Agradeço ao grupo “Cultura Viva”, que criamos com objetivo de fortalecer as manifestações culturais na comunidade, (samba de cacete e o carimbo) e vem contribuindo de maneira significativa no sentido do fortalecimento da nossa identidade.

*Eu vim de lá do meu quilombo homenagear;
Os ancestrais da minha vida,
Esse batuque, esse batuque de alegria,
Onde a mulata dança e gira,
Barulho forte, é tambor de quilombola,
Encanta os novos, o senhor e a senhora,
Barulha longe, tá chamando, eu e tu,
Cultura Viva do Icatu, Cultura viva do Icatu.*

(Ajax Corrêa dos Santos, morador da Comunidade Quilombola São José de Icatu)

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo analisar as práticas escolares desenvolvidas, na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Artur Igreja, da Comunidade Quilombola São José do Icatu, município de Mocajuba – Pará. Na perspectiva de verificar se as práticas utilizadas nesta escola abordam questões relacionadas a história, manifestações culturais, formas de trabalho e vivência cotidiana dos habitantes da referida localidade. Metodologicamente, por se trata de uma pesquisa que se baseia na abordagem qualitativa, de tipo etnográfica, buscou-se apoio teórico em obras de autores, como: Minayo (2001) e André (2009). Neste sentido, para coleta de dados se utilizou a observação participante, mediante entrevistas e conversas informais, cujos corpus documentais foram sistematizados e analisados. Estas análises tiveram como base teórica autores que se ocupam da temática em estudo, entre os quais se destacam: Gomes (2015), Pinto (2001, 2006), Munanga (1995), Moura (2007), Sousa (2008), Cardoso (2012) e Brandão (2009). A partir da investigação, com base em documentos, observações participante, análise documental, registro fotográfico e entrevistas, dados da pesquisa levam ao entendimento de que é por meio da educação-cultura que a Comunidade se faz quilombola. Dessa forma, em termos de saberes culturais a pesquisa revelou que é vivência dos quilombolas de São José do Icatu, que elementos da ancestralidade negra/quilombola do passado, que se constituíam forma base para sobrevivência dos negros refugiados, vão se perpetuando entre eles por gerações. E assim, seus ecos, alimentados pelas vivências e memórias dos seus habitantes, eclodem, se insurgem, ainda nos dias atuais, estruturando a vida dos moradores desta comunidade quilombo, através dos rituais símbolos de curas com ervas medicinais, se entrelaçando nas relações sociais generosas do trabalho. Em termos de Educação, a pesquisa revelou dois tipos, a educação formal e não formal que não estão inter-relacionadas as práticas escolares, no que concerne acompanhamento pedagógico do sistema educacional municipal. Assim, as práticas dos professores relacionadas a cultura, história, identidade, religiosidade e forma de trabalho, se apresentam como resistências nas iniciativas dos próprios professores, mesmo desassistidos pelo sistema educacional local. Portanto, esta pesquisa longe de ser concluída, encaminha novas indagações que poderão servir de base para outras pesquisas, principalmente, em relação ao currículo, educação quilombola e cartografias de saberes da cultura negra quilombola, que possam contribuir ainda mais para o fortalecimento da luta do povo negro, com uma educação, que atende as necessidades dos habitantes destas comunidades, através de um currículo que incorpore nas atividades educacionais constituição histórica, saberes tradicionais, manifestações culturais, formas de trabalhos e vivências, respeitando as questões etnoraciais, permitindo que o processo educativo formal, também seja um instrumento de luta dessa população.

PALAVRAS-CHAVE: Saberes Culturais; Educação Quilombola; Escola; Comunidade tradicional

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	10
CAPITULO I	
COMUNIDADES QUILOMBOLAS: LUTAS E RESISTENCIAS	15
1.1..... FORMAÇÃO DE QUILOMBOS E A LUTA PELA POSSE DAS TERRAS DE NEGROS	15
1.2 TERRITÓRIO E EDUCAÇÃO ESCOLAR NA COMUNIDADE QUILOMBOLA SÃO JOSÉ DE ICATU	17
1.3. SABERES CULTURAIS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO ICATU	24
CAPITULO II	
DOS SABERES CULTURAIS A EDUCAÇÃO ESCOLAR: A EXPERIÊNCIA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA SÃO JOSÉ DE ICATU	28
2.1. SABERES, VIVÊNCIAS, MEMÓRIAS E PRODUÇÃO DA VIDA NA COMUNIDADE QUILOMBOLA SÃO JOSÉ DE ICATU.....	28
2.1.1. SABERES DE CURA COM ERVAS E PLANTAS MEDICINAIS	33
2.1.2. MUSICALIDADE NO SAMBA DE CACETE.....	34
2.2 PRÁTICAS ESCOLARES EM TERMOS DE SABERES CULTURAIS NA EMEIF. ARTUR IGREJA	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
FONTES DA PESQUISA.....	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	44

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente estudo tem como objetivo analisar a inter-relação entre os saberes culturais da Comunidade Quilombola São José de Icatu e a educação escolar construída na EMEIF Artur Igreja, município de Mocajuba, PA. A perspectiva é verificar, se as práticas dos professores correspondem à história, manifestações culturais, formas de trabalhos e vivências cotidianas dos seus habitantes.

Nestas vivências, será considerado, também, o protagonismo dos Movimentos sociais, especificamente o Movimento Negro/quilombola, na conquista de alguns direitos constitucionais referentes ao território, educação e a emancipação de comunidades negras na sociedade. Fazendo referência a um passado de lutas dos seus habitantes em prol da liberdade, valorização cultural e identitária. Visando a superação do racismo e do preconceito, pois, Segundo Gomes (2017, p. 130) pode-se “visar ainda, promover um processo social, cultural, pedagógico e político de reeducação do negro e da negra sobre si mesmos sobre o seu lugar de direito na sociedade brasileira. E reeduca os outros segmentos étnico-raciais e sociais”.

Assim, a importância desse estudo, em termos pessoal e profissional tornou-se de extrema relevância, pois me ajudou a ampliar o conhecimento, acerca da minha formação. O exercício, da minha atuação como docente tem me ajudado, a conhecer e entender com mais clareza, as dificuldades e anseios dos moradores da minha comunidade. Já no âmbito acadêmico e social, esta pesquisa, contribuirá no fortalecimento das pesquisas sobre comunidades tradicionais quilombolas e na luta por uma educação escolar que considere os fazeres e saberes das produções culturais construídas e presentes nestes espaços. Portanto, tornando-se base para outras/outros pesquisadores/as que buscam investigar o mesmo tema, contribuindo com a academia e divulgação de pesquisas, que discutam a Educação Quilombola.

Neste sentido, entendemos que educação e cultura devem caminhar juntas no processo de ensino aprendizagem de nossas crianças, jovens e adultos. A educação escolar inter-relacionada aos saberes de comunidades quilombolas dão visibilidade aos conhecimentos construídos nos chãos e terreiros que são desenvolvidos pelos moradores dos quilombos, além de discutir e encaminhar a luta e ao enfrentamento diante do sistema repressor, que por vezes não valoriza a diversidade cultural e étnica do nosso povo.

Uns dos motivos, que me levou a escolher essa temática, foi o fato de ter íntima relação com o objeto estudado, pois pertenço a esta comunidade e nunca morei fora dela, tendo ancestralidade negra, e assim fazendo parte da construção social, política e cultural da mesma, tanto no movimento quilombola, como professor.

No percurso de minha vida comunitária, lembro-me dos convidados, do fazer da roça, da música, da dança, dos rituais de cura, com as plantas medicinais, da religiosidade, e de como essas experiências foram e são como escola para mim. A naturalidade do trabalho pesado, cansativo, mas que se misturam a uma generosidade capaz de unir gerações, comunidades, vizinhos. Ali não é apenas trabalho, há relações sociais que vão muito além da força de produção e do lucro.

O respeito pela natureza, o afeto entre as pessoas, a troca de conhecimentos carrega consigo saberes e educação, que mesmo informalmente constitui um modelo de vida sustentável, como processo de resistência às influências do capitalismo. A música e a dança é uma expressão pura de sentimentos, de dor, de alegria, enfim, as pessoas se envolvem, reverencia seu trabalho e a história de seus antepassados.

Recordo-me de minha infância, da curiosidade de criança, que despertava em mim o desejo de conhecer e entender a história de meu povo. Nestes momentos de muitas indagações, tinha como referência minha família, e quero aqui destacar os ensinamentos de meus pais: Raimundo Aloisio Carmo dos Santos e Loureça do Socorro Dias dos Santos. Bem como, meus avós maternos: Jose de Jesus Dias da Silva e Maria Cristina Farias Dias. Estes sempre me contavam e contam histórias de sua vida que, só depois de adulto, passei a compreender melhor os significados de seus contos.

A escola EMEIF. Artur Igreja por sua vez, se baseava nos métodos tradicionais. Sistema educacional que, historicamente, privilegia a cultura do branco, tratando a cultura negra de forma negativa na sociedade. Não havendo currículo voltado para valorização dos povos de comunidades negras. Isso dificultou ainda mais o acesso à história real do nosso povo.

Hoje percebo que havia ali um abismo forjado por um racismo institucional, entre os saberes da comunidade e os conteúdos trabalhados pela instituição escolar. Atualmente, pouco se avançou neste aspecto e, por isso, passei a me questionar: Por que esses saberes não estão na escola? Que fatores contribuem para que isso não aconteça na prática? A partir destas impressões, foi se construindo o objeto deste estudo.

No ano de 2014 (dois mil e quatorze), me inscrevi no PSE (Processo Seletivo Especial) para quilombolas, pela UFPA (Universidade Federal do Para), no curso de Pedagogia. Após apresentar os documentos necessários para inscrição, consegui aprovação na redação e posteriormente na entrevista, e assim tive acesso à universidade, isso no ano de 2015.

No decorrer do curso, com as trocas de conhecimentos e experiências entre professores, colegas e os referenciais teóricos, atrelados aos tensionamentos com a realidade social, política e cultural presentes no bojo da sociedade, se abriu um leque de possibilidade

para novos horizontes, de saberes teóricos e práticos. Todo esse arcabouço de conhecimentos adquiridos no meio acadêmico, baseado no tripé da universidade, ensino, pesquisa e extensão, me levou a não ter dúvidas sobre a importância desta vivência, no sentido de contribuir com a comunidade, através deste estudo.

Neste sentido, o presente estudo é de extrema relevância, tanto para minha vida pessoal, quanto para a profissional, pois tende, ampliar meus conhecimentos acerca da formação profissional e do exercício da atuação como docente. Assim, faz-se necessário ressaltar que, a partir do curso em Licenciatura Plena em Pedagogia, no ano de 2017, iniciei minha atuação como professor contratado da Prefeitura Municipal de Mocajuba, na Escola M. E. I. F. Artur Igreja, localizada nossa Comunidade Quilombola São José de Icatu, trabalhando no sistema multisérie, isto é, lecionando para estudantes do 1º aos 3º anos iniciais do Ensino Fundamental. Lançado neste desafio de ser professor na minha comunidade, me senti inquietado e desafiado para encontrar metodologias de trabalhos favoráveis, capazes de aproximar a prática em sala de aula com os elementos culturais, vivenciados pelas crianças nos chãos da vida dos habitantes da Comunidade Quilombola São José de Icatu.

Desta forma, o presente estudo tem como objetivo analisar as práticas curriculares desenvolvidas na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Artur Igreja, da Comunidade Quilombola São José do Icatu, município de Mocajuba – Pará, na perspectiva de verificar se nos conteúdos utilizados nesta escola abordam questões relacionadas a história, manifestações culturais, formas de trabalhos e vivências cotidianas dos seus habitantes.

No mesmo sentido, busca verificar que métodos são utilizados pelos professores da referida escola para formular suas aulas, visando observar se saberes tradicionais, manifestações culturais e religiosas dos habitantes da referida comunidade fazem parte do currículo pedagógico desta escola.

Metodologicamente, buscou-se apoio teórico em obras de autores, como: Minayo (2001) e André (2009), pois a pesquisa se baseia na abordagem qualitativa, do tipo etnográfica. Segundo Minayo (2001, p. 21-22), corresponde, “a questões muito particulares e se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado”. Com isso nos utilizamos de alguns elementos da etnografia: descrição e observação participante, para que conforme André (2005) pudesse fazer a “descrição cultural” da Comunidade São José de Icatu. Os elementos da pesquisa etnográfica, me ajudou, a investigar o modo de vida da comunidade: Como vivem? Relacionam-se com a cultura local? Como se identificam enquanto história e organização social?

Para a coleta de dados se utilizou da observação participante, mediante entrevistas e análise de documentos escritos. Sem perder de vista que através da observação participante, e seu princípio o pesquisador tem sempre um grau de interação com a situação estudada, efetuando-se e sendo por ela afetado (ANDRE, 2005). Logo também foram utilizados outros procedimentos para coleta de dados, com enfoque qualitativo, como: entrevistas semiestruturadas com alunos, pais de alunos, professores, membros e lideranças comunitários e pessoas idosas da comunidade; além da análise de documentos (Título de Reconhecimento de domínio coletivo) e registro fotográfico.

Para tanto, as análises do presente trabalho tiveram como base teórica autores que se ocupam com a temática em estudo, entre os quais se destacam: Gomes (2015), Pinto (2001, 2006), Munanga (1995), Moura (2007), Sousa (2008), Cardoso (2012) e Brandão (2009).

Registra-se, assim, que a minha participação no Movimento Social Quilombola em Mocajuba, tem sido também crucial para a construção das análises deste estudo. Em 2016, realizou-se na nossa comunidade o primeiro encontro de fortalecimento da juventude quilombola, idealizado pela discente quilombola, Maria Delma Portilho Brito, do Curso de Etnodesenvolvimento, Universidade Federal do Pará, Campus Soure (ressalta-se que a mesma é filha do Quilombo Icatu e adentrou a universidade através do sistema de cotas – PSE/Quilombola). O evento contou com a participação de toda comunidade e as demais Comunidades Quilombolas do município. Após este primeiro evento, foi realizado um segundo na Comunidade Quilombola de Porto Grande. Dentre as diversas pautas discutidas foi abordado a questão da identidade, território, políticas afirmativas, criminalização do negro, racismo entre outros.

Esses encontros foram fundamentais e serviram de base para o primeiro Fórum da Juventude Quilombola da Regional Tocantina em 2018, na Comunidade Quilombola de Tambaí Açu, no município de Mocajuba. Ao participar destes encontros, passei a refletir mais profundamente, acerca da valorização dos conhecimentos culturais de nossos antepassados, ou seja, de nossa ancestralidade negra/quilombola. As discussões e propostas trabalhadas nesses eventos, [re]construíram o empoderamento da juventude quilombola, para que não se cale diante das injustiças, praticadas contra sua classe, contribuindo na formação do Movimento Negro/Quilombola e nas lutas por seus direitos.

Por outro lado, no que tange o contexto social este trabalho visa trazer contribuições para os moradores da Comunidade Quilombola São José de Icatu, de forma que passem a refletir a respeito da importância das práticas culturais que realizam nesta comunidade, utilizando seus conhecimentos como práticas educativas, trazendo, assim, para o contexto educacional os

saberes oriundos da ancestralidade quilombola, de negros e negras que, se rebelaram contra o processo escravista, constituindo seus redutos de resistências.

O presente trabalho está estruturado em dois capítulos. O primeiro capítulo, intitulado, **Comunidades Quilombolas: Lutas e Resistências**, apresenta um breve contexto histórico do período da escravidão e o processo para a formação dos quilombos na diáspora brasileira. Assim como, destaca o movimento de resistência dos negros ao escravismo, e a sua luta por direitos constitucionais, tais como território, educação, e emancipação das comunidades quilombolas.

O segundo Capítulo, **Dos Saberes Culturais a Educação Escolar: A Experiência da Comunidade Quilombola São José de Icatu**, trata em seu contexto da relação de saberes informais presentes na memória e na vivência dos moradores da Comunidade Quilombola São José de Icatu, e a partir das práticas e relatos orais dos moradores, destaca-se a importância social, política e cultural desses conhecimentos na construção da identidade quilombola desta localidade

CAPÍTULO I

COMUNIDADES QUILOMBOLAS: LUTAS E RESISTÊNCIAS

1.1. FORMAÇÃO DE QUILOMBOS E A LUTA PELA POSSE DAS TERRAS DE NEGROS

O processo do escravismo no Brasil, conforme Pinto (2004) iniciou no século XV, com a chegada dos primeiros negros trazidos dos países africanos. Essas pessoas foram arrancadas de suas terras para trabalhar como escravo em território brasileiro, isso se deu devido os proprietários de fazendas, engenhos e outras áreas de produção, necessitar de um alto percentual de mão de obra para suprir as necessidades de produção da época. O sistema escravista destruiu sonhos, famílias, vidas; foi um erro histórico que deixou marcas irreparáveis nas pessoas que foram submetidas a esse sistema.

Foram mais de 300 anos de escravidão e uma vida construída a base do chicote, de um total desrespeito a humanidade desse povo. Porém havia escravos que resistiam a forma como eram tratados. Gomes (2015, p. 9) ressalta que, insurreições, rebeliões, assassinatos, fugas e morosidade na execução das tarefas se misturaram com a intolerância dos senhores e a brutalidade dos feitores:

Uma das formas comuns de rebeliões era se organizar e armar estratégias de fugas para mata, essas fugas eram para lugares de difícil acesso, com objetivo de não serem capturados. Em decorrência das punições do sistema repressor, os escravos criaram estratégias de defesa clandestinas e fugas em busca de liberdade (FURTADO, SUCUPIRA, & ALVES, p.109).

O local para onde os negros se refugiava denominou-se de vários nomes, e no Brasil, como afirma Gomes (2015, p. 10) desde as primeiras décadas de colonização, tais comunidades ficaram conhecidas primeiramente com a denominação mocambos, e depois quilombos. O termo quilombo é de origem africana e foi trazido ao Brasil pelos negros escravizados de várias partes da África, de acordo com Munanga (1995 p.58) o quilombo é seguramente uma palavra originária dos povos de língua bantu (aportuguesado: quilombo). Moura (2007), conceitua quilombo da seguinte forma:

Quilombos contemporâneos são comunidades negras rurais [*e/ou urbanos*] habitadas por descendentes de escravos que mantêm laços de parentesco. A maioria vive de culturas de subsistência em terra doada / comprada / secularmente ocupada. Seus moradores valorizam tradições culturais dos antepassados, religiosas (ou não), recriando-as. Possuem história comum,

normas de pertencimento explícitas, consciência de sua identidade étnica (MOURA, 2007, p 10. Grifos nossos).

As comunidades quilombolas constituem também um espaço de resistência a favor da sua identidade, cultura e costumes, em contraposição as ideologias hegemônicas, que sempre colocou em destaque, a cultura do branco e do europeu. Segundo Furtado, Sucupira & Alves (2014), a abolição da escravidão em 13 de maio de 1888, significou um grande marco na história do Brasil, porém apesar da conquista, os negros viveram por muitos anos a mercê na sociedade, sem direito a terra, cidadania e oportunidades de trabalho digno, além das discriminações devido a cor da sua pele. De tal modo, conforme Furtado, Sucupira & Alves (2014, p.110): “O quilombo era um espaço em que os negros fugidos reafirmavam sua cultura, seu modo de vida comunal e coletivo, também a sua religiosidade”.

Nos quilombos desenvolviam (desenvolvem) estratégias de sobrevivência através do trabalho coletivo, e relações sociais generosas entre si, a terra e a natureza tornaram-se elementos fundamentais na vida desse povo (PINTO, 2004). A caça, a pesca, o extrativismo, a agricultura, são práticas que constitui a vida dos quilombolas na relação com o ambiente natural. Essas atividades estão presentes na história e na cultura dos quilombolas e estão carregadas de saberes e conhecimentos informais.

A relação dos povos tradicionais com a natureza sempre se deu de forma harmoniosa pois a sua sobrevivência depende em boa parte dos elementos naturais tais como: a floresta, rios, igarapés, a terra, os animais etc. Com a ascensão do capitalismo observa-se que há um ataque descontrolado contra os elementos naturais, e territórios quilombolas, com isso as lideranças dessas comunidades lutam pela preservação e existência do seu espaço, e da vida dentro do quilombo. Silva (2012) ressalta que, a fronteira florestal, na qual primeiro os indígenas e depois os negros e mestiços vão buscar abrigos, é permanentemente alcançado pela expansão das atividades econômicas hegemônicas (SILVA, 2011 p.3).

O Movimento Negro tem papel fundamental na ascensão das comunidades quilombolas, pois através da luta dos integrantes deste movimento, várias conquistas históricas se consolidaram ao longo de sua trajetória.

O período pós-abolição foi marcado pela luta dos negros para ter acesso a direitos, que na época, cabia apenas aos detentores de maior poder aquisitivo, uma das principais reivindicações era conquistar o direito a posse de um lote de terra para trabalhar. E um desses direitos se deu através do reconhecimento do seu território, com a implementação do artigo 68 na Constituição Federal de 1988 dos ADCT (Atos das Disposições Constitucionais Transitórias). O artigo diz que: Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam

ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o estado emitir-lhes os títulos respectivos (BRASIL 1988 p.1)

Apesar de muitas comunidades já ter seu território demarcado os conflitos ainda são eminentes entre as lideranças comunitárias que lutam pela preservação dos elementos naturais e culturais existentes na sua comunidade, e as classes elitizadas, fazendeiros, madeireiros, grileiros e outros, que invadem os espaços reservados as comunidades tradicionais (indígenas, quilombola, ribeirinhos e etc.), causando conflitos muitas vezes sangrentos, e ao ponto muitas lideranças terem suas vidas ceifadas por não aceitar que seu território seja alvo dos interesses do capitalismo (GOMES, 2017).

Isso revela uma das faces da luta do movimento negro contra o modo de produção capitalista que não tem interesse na preservação do ambiente natural e os valores presentes em seus territórios e visa apenas lucrar com os recursos existentes nessas comunidades. Para Souza (2008), “esses elementos debilitam severamente a sustentabilidade das comunidades Quilombolas em seus territórios e as expõe a uma conjuntura de vulnerabilidade bastante acentuada” (SOUZA, 2008, p.68), Assim se observa que o ato de resistência se torna, neste cenário, um fator fundamental na luta pela preservação e uso sustentável do território Quilombola.

1.2 TERRITÓRIO E EDUCAÇÃO ESCOLAR NA COMUNIDADE QUILOMBOLA SÃO JOSÉ DE ICATU

A comunidade quilombola São José de Icatu, está localizado na zona rural do município de Mocajuba, no estado do Pará, é o quilombo mais antigo deste município, e do baixo Tocantins, sendo povoado por volta de 1770. Há relatos na comunidade que o nome Icatu é de origem indígena (tupi guarani), o I significa rio, e CATU, significa água boa. Logo Icatu quer dizer ‘rio de água boa’.

O acesso a comunidade se dá por via terrestre através da PA-151, adentrando a um ramal com 5km, de extensão da PA, até a comunidade, e via aquática através do rio do rio Tauaré, que é um braço do rio Tocantins.

O povoado faz divisa ao norte com as comunidades de Putiri e Acapu, ao sul com a comunidade de bracinho do Icatu, a leste com a comunidade de campinho, e a oeste com a comunidade de Marariá.

Figura 1: Cartografia Social produzida pelos alunos Keyciane Magalhães, Debora Corrêa, Anderson da Cruz sobre o território quilombola de Icatu.



Fonte: Arquivo da pesquisa de Rivaldo Antonio Dias dos Santos, 2019.

Os transportes utilizados pelos moradores, no passado eram as canoas e os barcos. Porém, com o passar do tempo houve modificações, e atualmente os mais utilizados são: a moto, que é mais utilizado; bicicletas e carros.

Após muita luta das lideranças comunitárias, em busca do reconhecimento do seu território, como área remanescente de quilombos, a comunidade quilombola São José de Icatu

recebeu em definitivo seu título em 30 de novembro de 2002 (Ver figura 2). Foi legalizada pelo Instituto de Terras do Para (ITERPA), e certificada pela Fundação Cultural Palmares-FCP, em 07 de fevereiro de 2011. Tendo área territorial de 1636.6122ha, e perímetro de 18.051,44m.

O território da Comunidade Quilombola São José de Icatu, possui uma área de floresta com diversas espécies da flora, fauna, igarapés, campo de natureza. Sendo também um território de grande relevo. Icatu está localizado nas cabeceiras do Rio Icatu, lugar esse que foi propício para o refúgio dos escravos no período da escravidão. Conforme afirma Funes, na escolha do lugar, além do ponto de vista estratégico, os mocambeiros priorizavam áreas onde fosse possível plantar e a natureza lhe fosse prodiga (FUNES, 1999, p.12).

Dentre as árvores nativas dessa região da Amazônia, destaca-se: a castanheira, bacurizeiro, acapuzeiro, amapazeiro, pequizeiro, entre outros. Os animais silvestres existentes nas comunidades destacam-se: o veado, preguiça, tatu, paca, cotia, tamanduá, jabuti etc. Dentre as aves existem: coruja, papagaio, curió, sabiá, periquito e outros.

A economia da comunidade baseia-se principalmente na agricultura familiar, sendo uma terra propícia para o plantio da maniva, do milho, arroz. A produção da farinha de mandioca é a principal fonte de renda dos moradores, seguido pelos benefícios sociais, a saber, o bolsa família, aposentadoria, e seguro defeso.

Destaca-se também, por período, o extrativismo através da coleta da castanha do Pará, cupuaçu, açaí, e outros, que serve para o consumo, e para comercialização do excedente. Há na comunidade 5 (cinco) mercearias que atende as necessidades básicas dos moradores.

O período pós titulação, foi marcado, por algumas transformações importantes no âmbito social, político e cultural da comunidade, conforme se observa na fala do senhor Floriano Lopes Farias presidente da Associação da Comunidade Quilombola S. José de Icatu:

Eu acompanhei em 30 de novembro de 2002, quando foi entregue o título da terra ne, aí nós passamos a se comprovar como remanescente de quilombo, e vários benefícios vieram ne, o principal mermo foi a moradia digna, onde recebemos 50 (cinquenta) casas, tudo com banheiro interno ne, agua de qualidade encanada, energia elétrica, outro benefício e a comprovação com o documento da terra sendo quilombola, pra você receber alguns benefícios, como: bolsa família, salario maternidade e a aposentadoria rural, esse documento comprova que você tem uma terra legalizada no coletivo, além de outros como cheque moradia, e a vaga para estudantes entrarem na universidade pelo PSE (Fala de Floriano Lopes Farias, 57 anos, presidente da Associação da Comunidade Quilombola São José de Icatu).

Figura 2: Título de posse da associação remanescente de quilombo São José de Icatu

 **TÍTULO DE RECONHECIMENTO DE DOMÍNIO COLETIVO** que o Governo do Estado do Pará, através do Instituto de Terras do Pará – ITERPA, outorga em favor da **COMUNIDADE REMANESCENTES DE QUILOMBOS SÃO JOSÉ DE ICATU**, pessoa jurídica de direito privado, inscrita no CNPJ sob nº 34.626.762/0001-10, área de terras localizada no município de **BAIÃO - ESTADO DO PARÁ**.

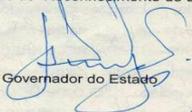


O GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ, representado pelo Excelentíssimo senhor Governador do Estado, **ALMIR JOSÉ DE OLIVEIRA GABRIEL** e o **INSTITUTO DE TERRAS DO PARÁ – ITERPA**, representado pelo seu Presidente, **RONALDO BARATA**, com base no disposto dos artigos 215 e 216 e 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Carta Federal; dos artigos 285, 286 e 322 da Carta Estadual, Lei Estadual nº 6.165/1998, Decreto Estadual nº 3.572/1999 e Instrução Normativa nº 02/1999 - ITERPA, **RECONHECE O DOMÍNIO** de uma área de terras com ocupação e uso por famílias remanescentes de quilombos da comunidade de **SÃO JOSÉ DE ICATU**, no município de **BAIÃO**, expedindo **TÍTULO DE DOMÍNIO COLETIVO**, gravado com **CLÁUSULA DE INALIENABILIDADE**, em nome da **COMUNIDADE REMANESCENTES DE QUILOMBOS SÃO JOSÉ DE ICATU**, pessoa jurídica de direito privado, inscrita no CNPJ sob o nº 34.626.762/0001-10, representada pelo senhor **Domingos Flávio Lopes Farias**, portador do RG nº 2.004.924 - SEGUP-PA, seu representante legal.

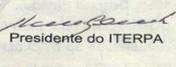
A área de terras objeto deste reconhecimento, foi apurada na demarcação administrativa através do processo nº **2000/202.004**, localizada no município de **BAIÃO**, com área total de **1.636,6122 ha**, perímetro de **18.051,44 m**, forma de um polígono **IRREGULAR DE 11 lados**, tendo como limites e confrontações: **Ao Norte**: Da estação L-1, com uma distância de 4.727,36 metros, confrontando com terras ocupadas por Manoel Jorge Fernandes de Sousa e Antonio das Graças Pereira Leal, passando por L-2 e L-3A, chega-se na estação L-4A., **A Leste**: Da estação L-4A, com uma distância de 4.414,79 metros confrontando com a M/D da PA-151, passando pela estação L-5, chega-se a estação L-6., **Ao Sul**: Da estação L-6, com uma distância de 4.680,02 metros, confrontando com a Comunidade Bracinho, passando por L-8A, L-9A, L-10A e L-11A, chega-se na estação L-7. **A Oeste**: Da estação L-7, com uma distância de 4.229,27 metros, confrontando com o Igarapé **ICATU**, chega-se na estação L-1. **Descrição topográfica**: Partindo da estação L-1, definida pela coordenada geográfica de Latitude 2°39'53,72" Sul e Longitude 49°35'18,30" Oeste, Elipsóide SAD 69 e pela coordenada plana UTM 9.705.353,674 m Norte e 656.921.648 m Leste, referida ao meridiano central 51°WGR; desta, seguindo com uma distância de 2.127,36 metros e com azimute plano de 122°33'08", chega-se na estação L-2; desta, seguindo com uma distância de 600,00 metros e com o azimute plano de 225°00'00", chega-se na estação L-3A; desta, seguindo com uma distância de 2.000,00 metros e com o azimute plano de 123°52'42", chega-se na L-4A; desta, seguindo pela margem direita da PA –151, com uma distância de 3.876,25 metros e com o azimute plano de 213°24'35", chega-se na estação L-5; desta seguindo pela margem

150
direita da PA – 151, com uma distância de 538,54 metros e com o azimute plano de 231°20'28", chega-se na estação L-6; desta, seguindo com uma distância de 638,90 metros e com o azimute plano de 310°11'05", chega-se na estação L-8A; desta, seguindo com uma distância de 496,55 metros e com o azimute plano de 43°31'52", chega-se na estação L-9A; desta, seguindo com uma distância de 1.001,06 metros e com o azimute plano de 316°49'17", chega-se na estação L-10A; desta, seguindo com uma distância de 505,59 metros e com o azimute plano de 224°35'58", chega-se na estação L-11A; desta, seguindo com uma distância de 2.037,92 metros e com o azimute plano de 315°48'31", chega-se na estação L-7; desta, seguindo pela margem direita do Igarapé Icatu, com uma distância de 4.229,27 metros e com o azimute plano de 30°16'30", chega-se na estação L-1, ponto inicial da descrição deste perímetro". Todos os azimutes estão referidos ao meridiano verdadeiro. Declinação magnética: 19° 30' 40" W (Maio/2002). A boa forma vai arquivada no Livro de Títulos de Reconhecimento de Domínio de Remanescentes de Quilombos – ITERPA.

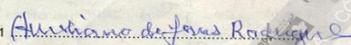
Belém, Pará, 30 de novembro de 2002

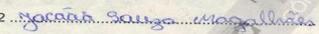

Governador do Estado


Domingos Flávio Lopes Farias
Representante da Comunidade


Presidente do ITERPA

Testemunhas:

1 
Aristiano de Jesus Rodrigues

2 
Jorandir Souza Magalhães

16

Fonte: Arquivo da comunidade quilombola de São José de Icatu.

Embora a comunidade já tenha adquiridos alguns direitos como: moradia, educação, saúde, título da terra, projetos relacionados a subsistência e alguns benefícios sociais, conforme mencionado na fala do seu Floriano Lopes Farias, muitas dificuldades ainda se operam, no âmbito das políticas públicas e da qualidade de seus serviços, onde ele diz que:

O poder público municipal até tem uma boa intenção, mas realmente essas políticas públicas ainda não chegou, como a gente esperava que fosse, um incentivo na parte cultural, tem outros incentivos na aprendizagem, ocupar nossas crianças e jovens para terem mais uma ocupação na aprendizagem na questão social (Floriano Lopes Farias, 57 anos, Associação da Comunidade Quilombola S. José de Icatu).

Assim, nota-se que há um descaso por parte do poder público em atender as necessidades básicas da comunidade, principalmente, no referente a projetos sociais que influencie as crianças e os jovens a ter uma boa estrutura educacional.

No que diz respeito ao contexto educacional, o movimento negro vem lutando por representatividade da sua população nos espaços públicos brasileiro, e um anseio para que suas histórias também sejam pautas nas atividades escolares. A lei 10.639/ de 9 de janeiro de 2003, que alterou a LDB, (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) lei 9.394/96, e implementou os artigos 26-A e 79-B, foi umas das conquistas desse movimento, um dos principais de base legal que foi instituída com objetivo de dar maior destaque para a história e cultura dos povos africanos, no currículo educacional das escolas brasileiras (GOMES, 2017).

Segundo Almeida e Sanchez (2017 p.57), a lei 10.639/2003, tem o potencial de permitir aos alunos negros o reconhecimento e a valorização, subjetivos e simbólicos de sua identidade e de sua importância na formação da sociedade brasileira. Também é importante salientar a sua contribuição na busca pela superação do preconceito e do racismo ainda presentes na sociedade. Porém a muito a ser feito no que tange a sua efetivação plena em todas as escolas quilombolas do Brasil, pois muitas dessas instituições não são assistidas devidamente pelo poder público, atendendo as necessidades específicas dessa população, garantindo que seus direitos constitucionais sejam atendidos na sua plenitude.

A resolução nº 8, de 20 de novembro de 2012, que define as diretrizes curriculares nacionais para a educação escolar quilombola na educação básica, também foi outra conquista do movimento negro. Isso ocorreu devido a necessidade de se ter uma lei que ‘deveria’ garantir dentro da educação o respeito as peculiaridades da população quilombola. Segundo essa resolução, deve ser levado em consideração: A memória coletiva, das línguas reminiscentes,

dos marcos civilizatórios, das práticas culturais, das tecnologias e formas de produção do trabalho, dos acervos e repertórios orais. (BRASIL, Resolução CNE/ CEB 8/2012).

Em termos de educação escolar a Comunidade Quilombola São José de Icatu possui uma escola denominada Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Artur Igreja. Segundo o professor Quilombola Domingos Flávio Farias, que atua na referida escola, desde o ano de 1993:

[...] A educação formal oficial na comunidade pelo que se tem registro e como fonte de informação o “Jornal do Pará” (1873, p. 01), deu-se início no final do século XIX, quando em 19 de março de 1873 o vice-presidente da Província do Grão Pará, o excelentíssimo senhor doutor João Polycápio dos Santos Campos criou a primeira escola na comunidade e nomeou como primeiro professor o senhor Lourenço Justiniano de Freitas. Cujo registro está no arquivo público do estado, no Jornal do Pará, que era o órgão oficial de divulgação do governo provincial, datado em 08 de abril de 1873.

A Escola Municipal Artur Igreja foi construída no ano de 1966 e inaugurada em 01 de março de 1967 e que o nome da Escola homenageia um dos antigos professores da comunidade, o professor Artur Igreja que atuou como professor na comunidade na década de 1930.

A primeira professora que atuou na escola foi a professora Benedita Leite Magalhães, no sistema multisseriado nas turmas de alfabetização, 1^a, 2^a e 3^a e quando ela começou trabalhar como professora na comunidade as aulas eram ministradas no barracão da comunidade e segundo ela o mesmo não oferecia as condições ideais para que ela pudesse desenvolver um bom trabalho. Por esse motivo ela fez um apelo ao prefeito do município para que fosse construído um prédio escolar na comunidade.

Desde a sua construção que aconteceu no ano de 1966 até o ano de 1998 a escola pertenceu ao estado, e durante esses anos a escola já recebeu várias nomes, para acompanhar as nomenclaturas que aconteceram aos longos dos anos nos níveis/etapas de ensino no Brasil.

Em 1967, após ter sido inaugurada a escola recebeu o nome de “Escola Isolada de Icatu”. No ano de 1975 a escola recebeu o nome de “Grupo Escolar de Icatu”. No ano de 1980 a escola recebeu o nome de “Escola Estadual de 1º Grau de Icatu”. No ano de 1987 ela passou a ser denominada de “Escola Estadual de 1º Grau Artur Igreja”. No ano de 1998 com o processo de municipalização do Ensino Fundamental nos municípios paraense a escola local foi municipalizada e passou a ser administrada pela Prefeitura do Município de Mocajuba e recebeu a denominação de “Escola Municipalizada de Ensino Fundamental Artur Igreja. Após a implantação da turma da pré-escola na escola, para obedecer às determinações da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) Lei 9.394/96, que estabelece a pré-escola como parte da educação básica, a escola local passou a ser chamada de “Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Artur Igreja”, (Professor Domingos Flávio Farias, entrevista realizada em 2019).

A partir dos relatos acima se observa que houve mudanças significativas no processo educacional, no que cerne a estrutura da escola, para tanto, convém destacar o movimento de luta das lideranças no sentido de valorização da educação, e um maior investimento do governo em escolas de melhor qualidade.

Convém fazer uma análise, no sentido da identificação da escola com o movimento negro/quilombola, referente as cores que, geralmente são escolhidas de acordo com desejo dos governantes municipais, e não por decisão da comunidade.

O nome da escola e outra questão que tem se colocado em debate, pois a maioria das escolas possui o nome de pessoas que não se identifica com a luta e a história dos negros/quilombolas, para tanto já se tem movimentos no sentido de mudança de nomenclatura no nome das escolas quilombolas, para que os heróis negros das comunidades tenham seu nome lembrados como símbolo de resistência nas escolas quilombolas.

Quadro 1: Dos professores que já atuaram na escola municipal Artur Igreja e os anos de atuação

Nº	NOMES DOS PROFESSORES	ANOS DE ATUAÇÃO
01	Benedita Leite Magalhães	De 1967 a 1984.
02	Benta Leite Magalhães	De 1969 a 1993.
03	Neuza de Jesus Rodrigues	De 1970 a 1975 (Como Professora Substituta).
04	José Antônio Farias Dias	De 1989 a 1992.
05	Cristolina Rosa Rodrigues	De 1993 a 2005.
06	Domingos Flávio Lopes Farias	De 1993 aos Dias Atuais
07	José Isidoro Leite Rodrigues	De 2005 a 2008.
08	Maria do Rosário Neris Rodrigues	Em Sala Anexo de 1993 a 1996
09	Ana Maria Martins Pacheco	De 1997 a 1999.
10	Maria Francilene Rodrigues Costa	De 2001 e 2004.
11	Jorge Luiz de Oliveira Silva	De 2001 a 2002.
12	Ocivaldo Pinheiro Baia	De 2001 a 2002.
13	Jusilene de Nazaré de Jesus Maia	De 2009 a 2016.
14	Nilton Rosa Nascimento	De 2011 a 2012
15	Silvânio Rosa Nascimento	De 2016 aos Dias Atuais
16	Rivaldo Antônio Dias dos Santos	De 2017 aos Dias Atuais

Fonte: Elaborado Prof. Domingos Flavio Lopes Farias

A partir do quadro observa-se que a maioria dos professores tiveram residência fixa na comunidade tendo ancestralidade na comunidade, sendo apenas 3 (três) que não tem ancestralidade na comunidade. Conforme a resolução 08 de 2012, p. 6, no seu artigo 8º, IV- presença preferencial de professores e gestores quilombolas nas escolas quilombolas e nas escolas que recebem alunos oriundos de território quilombola.

No entanto, é importante ressaltar, que após a implementação desta resolução, todos os professores que atuaram e atuam nesta escola vivem na comunidade. Ressalto a importância de se ter professores do local, pois faz-se necessário que conheçam a realidade dos estudantes, na sua relação com a construção social, cultural e política desenvolvida na comunidade.

O espaço físico da EMEIF. Artur Igreja, possui três salas de aula, uma área recreação, com pequeno pátio no seu interior, uma copa/cozinha, um almoxarifado e uma sala de informática, com 6 (seis) computadores, porém é necessário destacar que esses computadores não são utilizados pela escola devido seu programa não ser atualizado para uso.

O quadro de professores conta atualmente com três profissionais, e funciona nos três turnos sendo pela manhã as turmas do primeiro ao quinto ano, a tarde a educação infantil com os alunos com idade de três a cinco anos, e a noite com a EJA (educação de jovens e adultos). a escola também conta com três serventes. A escola conta com 31 alunos e 19 alunas, sendo um total de 50 crianças, com faixa etárias de idade entre 4 a 10 anos. A figura 3, mostra a Escola Artur Igreja:

Figura 3: Imagem abaixo mostra a EMEIF. Artur Igreja atualmente.



Fonte: Arquivo Pessoal do Professor Domingos Flávio (Em dias atuais)

1.3 SABERES CULTURAIS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO ICATU

As manifestações culturais de um povo, trazem em suas práticas conhecimentos/saberes, que por vezes não são aproveitados no cotidiano escolar da criança. Fora do espaço escolar também se tem conhecimento, tudo aquilo que se produz, que se faz e que se transforma no meio natural estão constituídos de saberes, conhecimentos informais. Esses conhecimentos historicamente estão presentes na vivência das comunidades quilombolas. Cardoso (2012, p. 18), ressalta que:

O saber se entrelaça e faz parte de um grande emaranhado com o afetivo, o social, o cultural, o histórico e o político, possibilitando uma identidade própria preservada pela perpetuação de seus costumes e de suas tradições, ao longo dos séculos, pelos mais velhos aos mais novos. Os saberes estão relacionados também com a concepção de vida, sociedade e relações humanas. Nessas relações está a educação que não se faz apenas nos espaços escolares, mas acontece nos processos de trabalho, de organizações políticas e culturais (CARDOSO, 2012, p. 18).

Ao construir-se culturalmente em determinado local os indivíduos constrói histórias e vivências particulares, e no caso das comunidades quilombolas trata-se de um povo que luta pela validação da sua identidade cultural, e o reconhecimento do seu trabalho na construção da sociedade em que vivemos, pois essa população traz consigo marcas de um passado de luta e resistência contra os diversos tipos de violência. Gomes (2007) ressalta que:

Quando se constata a riqueza criativa das vivências dos moradores das comunidades remanescentes de quilombos, principalmente dos mais velhos, no que diz respeito ao uso das ervas medicinais, no modo de trabalhar a terra, de tirar seu sustento, nas linguagens gestuais, na música, nas festas, no modo de se vestir, de cantar, dançar e rezar vê-se a importância de ter acesso a esse conhecimento (GOMES, 2007, p. 23).

Nesse sentido, compreendemos que a cultura também está presente no modo como homens e mulheres constroem seu espaço de sobrevivência, a sua identidade, são saberes subjetivos que reafirma sua existência em uma sociedade multicultural, mas também preconceituosa, pois nem sempre reconhece como valiosos, os saberes que estão nos fazeres dos quilombolas.

Para Furtado, Sucupira e Alves (2014), a cultura é o que nos faz e nos torna o que somos ao crescermos em um determinado ambiente, trata-se da forma autêntica e local de cada povo se constituir e resistir a força globalizante que busca homogeneizar diferenças (Furtado, Sucupira e Alves, 2014, p. 107). Nesse sentido, compreende-se a importância da resistência quilombola, diante de culturas modernas que impulsionadas pelo capitalismo adentram os espaços quilombolas fazendo-nos consumir músicas, histórias, culturas de outros lugares que não representa a comunidade quilombola.

Preservar a cultura quilombola é manter viva sua história que por anos foram negadas devido período da escravidão, no entanto com a formação dos quilombos os escravos passaram a ter “liberdade” para reviver seus costumes, religiosidade suas práticas culturais e, portanto, sua história. Brandão (2009), afirma que:

A cultura, é e está, portanto, nos atos e nos fatos através dos quais nos apropriamos do mundo natural e o transformamos em um mundo humano, assim como nos gestos e nos feitos com que nós criamos a nós próprios ao

passarmos de organismos biológicos a sujeitos sociais, ao criarmos socialmente nossos próprios mundos e ao dota-los a nos próprios – nossos diversos seres, nossas múltiplas vidas e nossos infinitos destinos – de algum sentido. (BRANDAO 2009, p.718)

A questão da resistência perpassa em despertar em nossas crianças a importância do movimento negro na luta pelos direitos dos sujeitos que vivem as margens da sociedade, nesse caso a população negra. É importante que seja transmitido as novas gerações como seus antepassados viveram e sobreviveram a um passado de sofrimento, mas que também tinham seu modo de vida, cultura e costumes relevantes na história. Segundo Souza, a resistência abarca várias estratégias empreendidas pelos povos negros para se manterem vivos e perpetuarem sua memória, valores, histórias e costumes (SOUZA, 2008, p.24).

Pensar uma educação quilombola que atende as necessidades dessas comunidades, dando voz a essa população, através de um currículo que incorpore nas atividades educacionais os saberes da sua cultura e respeitando as questões étnico raciais, é fazer com que a educação seja um instrumento de luta dessa população, que por muito tempo, não teve vez nem voz na sociedade. Nesse sentido Sacristan (2013), diz que:

A educação pode ser um instrumento para a revolução silenciosa da sociedade com base em um projeto iluminista e emancipador, esse impulso ou tendência ao crescimento e a melhoria de alguma forma deve ser traduzido no currículo que será desenvolvido (SACRISTAN 2013 p.24).

A resolução 08/2002, institucionalizada com objetivo de reconhecer através de uma base curricular a importância dos saberes da comunidade quilombola, dentre as suas atribuições convém destacar:

Art. 7º A educação escolar quilombola rege-se nas suas práticas e ações político-pedagógicas pelos seguintes princípios:
 III-Respeito e reconhecimento da história e da cultura afro-brasileira como elementos estruturantes do processo civilizatório nacional;
 IV-Proteção das manifestações culturais afro-brasileiras;
 XVII-Direito dos estudantes, dos profissionais da educação e da comunidade de se apropriarem dos conhecimentos tradicionais e das formas de produção das comunidades.

Com a implementação desta resolução, a educação quilombola passa a ter caráter de modalidade de ensino, garantindo o direito da comunidade a ter acesso a uma educação que dê visibilidade constitucional e o reconhecimento dos elementos históricos, sociais, político e culturais que estruturam a vida dos moradores das comunidades quilombolas. Apesar da conquista há muito a ser feito, pois é preciso que o estado garanta junto aos municípios os elementos básicos para sua efetividade.

A formação continuada de professores é um exemplo do compromisso que a Secretaria de Educação tem em instruir os profissionais que atuam nas escolas quilombolas a se adequar as especificidades dessas instituições. Sabe-se que o governo destina verbas diferenciadas para os municípios que atendem Escolas Quilombolas, porém não se vê resultados claros na empregabilidade deste recurso (GOMES, 2017).

As questões relacionadas a política, também envolvem as relações de poder, e em muitos casos é benefício para o estado quando o poder se torna hegemônico em suas mãos, no entanto, as classes oprimidas usam seus métodos de enfrentamento e organização para superar o preconceito contra os seus. E o saber produzido pelos movimentos sociais, ou precisamente o movimento negro, contribui para o fortalecimento, nesse caso, das Comunidades Quilombolas. Grzybowski (1986, apud RODRIGUES; MARTINS, 215), define saber como:

[...] conjunto de conhecimentos e habilidades, valores e atitudes que são produzidos pelas classes, em uma situação histórica dada de relações, para dar conta de seus interesses. Trata-se do saber parcial que serve para identificar e unificar uma classe social, lhe dá elementos para se inserir numa estrutura de relações sociais de produção e enfim trata-se de um saber que serve de instrumento de organização e luta (GRZYBOWSKI, 1986 apud RODRIGUES; MARTINS, 215, p.6).

Nesse sentido, compreendemos que o saber se faz necessário na organização das comunidades quilombolas, para que na força do coletivo tenha maiores possibilidades de lutar e conseqüentemente alcançar seus objetivos, partindo de seu contexto histórico e seus valores adquiridos com os conhecimentos de suas práticas cotidianas.

CAPÍTULO II

DOS SABERES CULTURAIS A EDUCAÇÃO ESCOLAR: A EXPERIÊNCIA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA SÃO JOSÉ DE ICATU

2.1 SABERES, VIVÊNCIAS, MEMÓRIAS E PRODUÇÃO DA VIDA NA COMUNIDADE QUILOMBOLA SÃO JOSÉ DE ICATU

Os saberes informais se fazem presentes na memória e na vivência dos moradores da Comunidade Quilombola São José de Icatu, e a partir das práticas e relatos orais dos moradores, destaca-se a importância social, política e cultural desses conhecimentos na construção da identidade quilombola desta localidade. Assim Funes (1999), ressalta que:

Nesse sentido e que se torna interessante buscar entre os mais velhos a memória, elemento capaz de ancorar o presente no passado. A memória se junta, por fazer parte dela, os cantos, as lendas, “os causos”, a linguagem, as variadas formas de expressão, a arte de curar, e outras manifestações culturais, significativas para a construção do conhecimento (FUNES, 1999, p. 12)

É nesse sentido, que os saberes da educação informal tornassem necessário também nos espaços formais das escolas, pois são conhecimentos que estruturam o modelo de vida dos sujeitos quilombolas, são histórias construídas com lutas, sofrimento e resistência contra todo o tipo de violência a sua identidade.

Trata-se de um tópico em que descrevemos os achados em relação aos saberes, que estão presentes na vivência dos moradores da Comunidade Quilombola São Jose de Icatu, no entanto darei destaque aos que refere-se ao mutirão nos saberes da produção da roça e da farinha de mandioca, o saber das ervas medicinais, e o saber da musicalidade dando ênfase ao samba de cacete inter-relacionando aos saberes da escola Artur Igreja.

Em termos de trabalho: O saber do Mutirão se entrecruza com outros saberes. Assim a prática do mutirão/convidado destaca-se como uma das principais técnicas de relações sociais coletivas vivenciadas pelas comunidades quilombolas. O trabalho coletivo sempre foi o modelo de sociedade vivido por esses sujeitos. O convidado (o mesmo mutirão) como era chamado pelos antepassados era utilizado principalmente nas atividades agrícolas, primeiro na construção do roçado, que é o preparo da área de terra para receber o plantio. Esse processo acontece da seguinte forma: faz o pico para demarcar a área, depois faz a roçagem, logo após a

faz a derruba, deixa secar em média por três semanas, e faz a queimada, depois se faz a cuivara, para terminar de limpar o terreno para receber o plantio. O plantio acontece de acordo, relato de seu Floriano Lopes Farias:

O dono do convidado promovia um almoço mais fértil né, o almoço era a base de uma carne de porco, era uma comida mais abundante né, tanto para aquele que ia trocar dia, como para aquele que ia voluntariamente, diziam: Não vou ganhar nada, mas eu vou ajudar ele (o dono do convidado), eu vou almoçar, me divertir um pouco. Virava até uma forma de concorrência tanto dos coveiros, quanto das plantadeiras, se os coveiros perdessem a força no meio do roçado e falhasse a cova pra plantar a maniva, as plantadeiras enfiava a maniva no cos do cidadão que ia cavando. E isso virava uma alegria no meio do roçado, e tudo isso era uma diversão (Fala de Floriano Lopes Farias).

A partir desse relato, nota-se que há uma relação não apenas de trabalho, mas um ato de generosidade entre as pessoas, um trabalho que se mistura ao prazer, a alegria na relação com outro. Assim, este trabalho que produz valores, como a amizade, se estende para casa de forno, onde se produz a farinha de mandioca, dentre outros produtos, como a farinha de tapioca, beiju de massa, tucupi para fazer o tacacá, goma para tapiquinha. A casa de farinha é uma escola de saber, lá as crianças acompanham o trabalho de seus pais e aprendem não o trabalho para o comércio, mas o trabalho escola da vida, que ensina para além da produção de mercadoria, que ensina valores do respeito, amizade, companheirismo.

Eu gosto de ir pra casa de forno, eu raspo a mandioca, eu coo massa jogo a farinha no forno, tudo isso eu aprendi com meu avô e minha avó. Na escola o professor passa trabalho pra gente desenhar a roça, nossos pais capinando, o machado, enxada, foice, motosserra, terçado, o rodo o forno, peneira, tipiti, maceira. (fala do aluno Efraim Souza, do 5º ano da escola Artur Igreja)

Na fala do aluno percebe-se a relação de transmissão dos saberes que são repassados de geração em geração, pelos mais velhos aos mais novos, no acontecer da cultura do trabalho quilombola. Conforme também se nota a propriedade com que este aluno menciona os objetos de trabalho utilizados nos fazeres de sua família, e importante ressaltar a menção, as práticas escolares relacionadas as práticas dos saberes da cultura quilombola. As imagens da página a seguir, demonstram a prática do mutirão para plantar maniva, no roçado de um morador da Comunidade Quilombola São José de Icatu, em que os mais jovens também participam.

O acontecer do mutirão, se dá na troca de dia entre os moradores para a realização do trabalho comunitário, e aqui em especial o trabalho da roça e da farinha de mandioca. Com antecedência o dono do convidado retira a maniva do roçado antigo, (o que já está pronto para o cultivo), e carrega para o novo roçado, logo faz o convite para os vizinhos e amigos avisando

do cuidado para o plantio da maniva, são homens, mulheres, crianças, jovens e adultos. No dia do plantio, enquanto alguns homens cortam a maniva em cima do pau do roçado, outros cavam as covas com a enxada, logo outros integrantes, que principalmente as mulheres e as crianças participam, colocam a maniva cortada no paneiro e começam o plantio, colocando a maniva na cova e cobrindo com um pouco de terra.

Nas imagens o roçado já está queimado e encoivarado, pronto para receber o plantio, nelas aparecem várias pessoas trabalhando em mutirão. A figura 4 mostra em destaque o senhor Natalino Correa cavando a cova para o plantio da maniva, na figura 5 mostra a dona Nilza farias plantando a maniva.

Figura 4 e 5: Momentos de cuidados e plantios da roça de mandioca



Fonte: Arquivo Pessoal de Domingos Flavio Lopes Farias

Os saberes dessas práticas estão permeados de ancestralidade africana, pois lá na “casa de forno”, todas as atividades de trabalho estão presentes de histórias e memórias de nossos pretos e pretas velhas. No cotidiano dos sujeitos da Comunidade Quilombola São José de Icatu, a farinha de mandioca, que além de fazer parte da alimentação dos moradores é também sua principal fonte de renda. (Ver figura 6)

Figura 6: A imagem mostra o processo de produção da Farinha



Fonte: Arquivo da pesquisa de Rivaldo Antonio Dias dos Santos, 2019.

Todo o processo para o fazer da farinha de mandioca exige um saber que atravessa gerações, sendo no passado umas das estratégias de sobrevivência dos escravos fugitivos, utilizando-se dos recursos da natureza, para sobreviver, conforme afirma Funes (1999), “[...] do roçado vinham os produtos básicos para alimentação, entre eles a macaxeira e a maniva, das quais faziam a farinha, alimento principal dessas comunidades” (FUNES, 1999, p.9).

De tal modo, é necessário destacar que o processo para se fazer a farinha sofreu várias transformações ao longo do tempo como se nota na fala do senhor José Miguel Brito Souza:

Antes a gente tinha mais dificuldade, a gente carregava a mandioca no paneiro, era bem difícil; hoje a gente já traz no carrinho de mão, a gente coloca no saco e coloca na garupa da moto, já facilitou muita coisa. Antes a gente usava também o ralo de mão, ou o “caititu” ralador que a gente ralava a mandioca manualmente; hoje em a gente acopla o motor na bolandeira, ne, pra ralar a mandioca. E a gente já tem muita facilidade nisso, já avançou muito o jeito que a gente faz a farinha (Fala do senhor José Miguel Brito de Souza, morador da comunidade quilombola São José de Icatu).

Assim percebe-se que o processo para o fazer da farinha, vem ganhando mecanismos importantes no sentido de facilitação do trabalho dos produtores. Isso faz-se necessário pois a farinha de mandioca a principal fonte de renda da comunidade, e requer o aumento da produção.

A seguir será apresentado a letra da música criada pelo professor da escola Artur Igreja da comunidade Quilombola São José de Icatu, a saber, Domingos Flavio Lopes Farias. A

música que tem como título, “*dança da farinhada*” retrata o mutirão feito pelos moradores para realização do trabalho agrícola, sendo no fazer do roçado e da roça e o trabalho da casa de forno que é o fazer da farinha de mandioca.

Os utensílios utilizados para a apresentação da dança são em miniaturas e representam os materiais usados no fazer da roça, do roçado e da farinha de mandioca.

Os materiais são estes: alguns troncos de árvores pequenas, terçado, machado, garrafa com água, facho (tala de inajazeiro que serve para queima do roçado), enxada, paneiro, pedaços de maniva, forno, ralador manual, raspador, rodo, tipiti, peneira, socador (pedaço de madeira que serve para socar a massa de mandioca), pequenas porção de farinha de mandioca (Ver Figura 7).

Figura 7: Instrumentos utilizados na dança da Farinhada.



Fonte: Arquivo da pesquisa de Rivaldo Antonio Dias dos Santos, 2019.

Em forma de círculo, enquanto as pessoas cantam a música, vão demonstrando com os utensílios, como se faz a roça e a farinha - Dança da Farinha:

Olha o mutirão, olha o mutirão (4 vezes)
 E lavem os roçadores, pra roçar nosso roçado (4 vezes)
 Olha o mutirão, olha o mutirão;
 E lavem os derrubadores, pra derrubar nosso roçado,
 Olha o mutirão, olha o mutirão;
 E lavem os queimadores, pra queimar nosso roçado,

Olha o mutirão, olha o mutirão;
 E lavem os encuivaradores, pra encoivara nosso roçado;
 Olha o mutirão, olha o mutirão;
 E lavem os(as) plantadores(as), pra plantar nosso roçado;
 Olha o mutirão, olha o mutirão;
 E lavem os(as) arrancadores(ras), pra arrancar a mandioca;
 Olha o mutirão, olha o mutirão;
 E lavem os(as) raspadores(ras), pra raspar a mandioca;
 Olha o mutirão, olha o mutirão;
 E lavem os raladores, pra raspar pra ralar a mandioca;
 Olha o mutirão, olha o mutirão;
 E lavem os socadores pra socar a nossa massa;
 Olha o mutirão, olha o mutirão;
 Os espremedores, pra espremer a nossa massa;
 Olha o mutirão, olha o mutirão;
 E lavem as coadeiras pra coar a nossa massa;
 Olha o mutirão, olha o mutirão;
 E lavem os torradores, pra torrar a nossa massa;
 Olha o mutirão, olha o mutirão;
 E lavem os vendedores, pra vender a farinhada;
 Olha o mutirão, olha o mutirão.
 Música: “Dança da Farinhada”
 Autor: Domingos Flavio Lopes Farias

2.1.1. SABERES DE CURA COM ERVAS E PLANTAS MEDICINAIS

O processo de cura através das ervas medicinais são ensinamentos deixados pelos nossos antepassados que se perpetua nas gerações atuais, eles depositavam sua fé e confiança nos elementos naturais para cura de suas enfermidades, conforme se observa na fala de Dona Lourença, 55 anos, moradora da comunidade:

A gente usava as plantas, porque era difícil de ir à cidade, o transporte era mais difícil, tinha que ir de casco(canoa), e nos tem fé mesmo no remédio caseiro, porque o que cura mesmo e a fé, se você não tiver fé não adianta (fala de Dona Lourença do Socorro Dias dos Santos, 55 anos).

Assim, percebe-se que apesar do contexto social, as dificuldades de acesso a medicina convencional, as pessoas acreditam nos efeitos da medicina popular/caseira. Pinto (2010) ao apresentar os saberes de mulheres negras, relacionados a cura, nos diz que:

“Garrafada” ou “temperadas” composta por salva, casca de barbatimão, verônica, jucá, e mel de abelha, são indicadas para “curar doenças de mulher”, como inflamações uterinas, ou então como tônico de purativo, no pós parto. O chá composto por cibalena, em planta, japana, hortelã, verga morta, ou então de hortimija, capitiu e oriza, é indicado para cessar diarreia e vômitos provenientes do quebranto. Um guento de sumo de buiusu, japana, alho amaçado, e mucuracaá, serve para curar dor de cabeça; charope de mururé,

com osso de capivara, queimada e fruta de coronha é utilizado para curar reumatismo. Um guento de alho assado, azeite de andiroba serve para problemas de má digestão, ventosidade e “baixar inchaço da barriga da criança”. O chá do jaborandi, folha de pinhão branco, folha de laranja da terra, é receitado para curar gripes e resfriados (PINTO, 2010, p. 264, 265).

Esses saberes construídos entre as comunidades tradicionais em especial as comunidades quilombolas está relacionado ao trabalho realizado pelas parteiras, benzedeadoras(os), curandeiras(os). Sujeitos esses, que através de seus conhecimentos e práticas, são capazes de realizar com tanta sabedoria o trabalho do parto e a cura através das ervas medicinais.

2.1.2. MUSICALIDADE NO SAMBA DE CACETE

As manifestações culturais dos povos tradicionais revelam entre os quilombolas um ato de resistência que se perpetua no dia-a-dia desses sujeitos na luta pela afirmação de sua identidade, que sempre foi marcada por um processo histórico de criminalização e discriminação contra a cultura negra.

Pinto (2006) afirma que o samba de cacete acontecia durante os períodos festivos dos santos padroeiros e nos plantios de roças. Nas festas dos santos padroeiros dos povoados negros rurais da região do Tocantins,

eram verdadeiros momentos apoteóticos. Nessas ocasiões havia mastros enfeitados com flores, ervas cheirosas e frutos que demarcavam o início da festança com os toques dos tambores rústicos do samba de cacete, cujos ecos rasgavam mata adentro avisando aos negros e convidando-os. O Samba e seus tambores, além de reunir para fins religiosos a população negra dessa região convidavam para a comunhão do trabalho coletivo, enfim, avisavam e produziam sons ritualísticos de religiosidade, faina diária, nascimentos, casamentos e mortes. Insurgiam memórias, lembranças dolorosas da escravidão e das diferentes estratégias de resistência adotadas por negros diante do processo escravista brasileiro (PINTO, 2006, p. 274).

Por outro lado, o samba de cacete representa a essência da musicalidade negra quilombola. Seus instrumentos são produzidos dos recursos da natureza, (Ver Figura 8) conforme mencionado na fala do senhor Raimundo Guardin Pereira da Igreja.

Os instrumentos eram produzidos da floresta, a gente cotava o pau de buraco, chegava em casa a gente lavrava tudo bem, pegava o couro do veado, deixava de molho pra amolecer, raspava o pelo furava todo ele, que era pra enrostar (colocar o couro no pau), aí quando tava bem sequinho, ascendia o facho e encostava no couro que era pra dar o som. O som dele era o tambor e o pau que batia em cima, toc, toc, toc, toc. (fala do senhor Raimundo Guardim Pereira da Igreja).

Figura 8: Tambor usado para bater o Samba de Cacete



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisa Rivaldo Antonio Dias dos Santos, 2019.

A musicalidade através do samba de cacete presente na cultura dos quilombolas, sendo um ato de resistência, e a expressão de seus sentimentos, da alegria, dor e momentos de confraternização entre os moradores, serviam também como meio de comunicação entre os negros. Seu Raimundo Guardin Pereira da Silva acrescenta que: para mim era uma das melhores coisas, e nem só por mim, para todos nós que se organizava, era uma grande coisa.

As imagens da página seguir mostram a apresentação do grupo do grupo cultural “Cultura Viva” (Ver Figura 9 e 10) da comunidade Quilombola São José de Icatu, apresentando o samba de cacete e o carimbó no barracão da própria comunidade, no decorrer da novena de São José, santo padroeiro da comunidade, festejado no período de 19 a 29 de setembro.

Nas imagens estão os integrantes do grupo, os batedores de tambor: Juan Thiago, Andrey dos Santos, Leandro Correa, Jhonathan Silva; no agogô estão: Ecivaldo Correa, Alessandro Silva, Elem Correa; no maraca: Neto Farias; no ganzá: Rivaldo Dias e José Marinei;

os batedores do cacete são: Jemerson da cruz e Wallace Silva; cantando no microfone estão: Domingos Flávio e Sivanio Rosa.

Figura 9 e 10: Grupo Cultural Cultura Viva



Fonte: Arquivo pessoal do professor Domingos Flávio

Na imagem da página seguinte mostra homens, mulheres e crianças da Comunidade Quilombola são Jose de Icatu, dançando o samba de cacete e o carimbo, barracão da comunidade. (Ver Figura 11 e 12)

Figura 11 e 12: Dança do Samba de Cacete no Barracão da comunidade de Icatu.



Fonte: Arquivo pessoal do professor Domingos Flávio

O som do tambor criado pelos nossos antepassados ainda resiste entre os diversos espaços da musicalidade, nas igrejas, nas bandas musicais entre outros. O Samba de cacete hoje na comunidade está sendo reconstruído entre os mais novos, a comunidade em parceria com a Fundação Curro Velho do governo estadual, disponibilizou monitores para a realização de oficinas ligadas a construção de instrumentos musicais, e músicas, como samba de cacete e o

carimbó, surgindo a partir dessa iniciativa um movimento de reconstrução dessas práticas culturais que estavam silenciadas na comunidade.

2.2 PRATICAS ESCOLARES EM TERMOS DE SABERES CULTURAIS NA EMEIF. ARTUR IGREJA

Por viés de Educação na Comunidade Quilombola São José de Icatu, faz-se aqui uma análise acerca dos saberes construídos nos chãos da escola Artur Igreja, através dos relatos e práticas dos sujeitos que estão inseridos nesse processo que constitui a Educação Quilombola nos espaços de instituição (escola), e nos espaços dos saberes construídos e reconstruídos na vivencia dos moradores da comunidade, no acontecer de sua cultura.

Inter-relacionar a vivencia da criança com as práticas escolares, é respeitar a bagagem cultural desse sujeito, é ensinar a partir de sua história de vida, e contar a sua história e a de seus antepassados. Assim Silva (2011, p. 5) diz que:

Escutar essas vozes pode ser um exercício enriquecedor para o sistema de educação brasileiro, desde que se pautem por outros eixos, que não sejam os da imposição, negação, omissão como a história oficial que assim procedeu por durante anos e que ainda tem resistência de contar a verdadeira história do Brasil, preferindo assim silenciá-la (SILVA, 2011, P.5).

E a partir desse ponto de vista que se vê a urgência da escolas quilombolas trazer para o seu espaço, e trabalhar com seus estudantes, temas que estão presentes na realidade desses sujeitos, escutar suas histórias de vida, problematizando o contexto social, político e cultural vivenciado na comunidade, permitindo com que o processo educativo formal, também seja um instrumento de luta da população quilombola.

E é na condição de sujeito quilombola, partindo da minha convivência nos espaços formais e informais desta comunidade, que me propôs a investigar o acontecer dos saberes da educação não-formal, e a sua relação com práticas da educação formal.

A religiosidade no contexto educacional da Escola Artur Igreja, percebe-se a predominância do catolicismo, porém é importante ressaltar, a reza como símbolo da ancestralidade negra das benzedeadas que usavam como ritual de cura, e que está presente, todos os dias ao começar as aulas.

A escola também trabalha nas aulas de religião, o dia de São José, que é o santo padroeiro da comunidade, nessas aulas os professores relatam a história do santo, conta que São José foi um homem trabalhador, carpinteiro, e que foi o pai adotivo de Jesus Cristo.

Outro tema abordado pela escola, são as datas comemorativas, como a semana santa e a páscoa, que falam da morte e ressurreição de cristo, e o dia de Natal, data que se comemora o nascimento de jesus cristo, nessas atividades o professor passa um texto falando da temática, e explica o significado e a importância do tema, depois passa atividades de interpretação do texto, em seguida pede para os estudantes desenharem; na páscoa eles desenharam os símbolos, (coelho, ovo da páscoa e presentes), sendo que o professor explica o significado de cada símbolo. No natal eles desenharam a árvore de natal, o papai Noel e os presentes.

Partindo dessas observações nota-se que a EMEIF. Artur Igreja, trabalha as questões de religiosidade dando ênfase ao cristianismo ligadas ao catolicismo, assim percebe-se que há uma certa resistência por parte da escola em tratar das religiões de Matriz Africana, que são as religiões seguidas pelos povos africanos.

Em termos dos saberes do trabalho a escola preocupa-se em trabalhar temas que se relacionam com as práticas desenvolvidas pelos moradores da comunidade, principalmente as quais estão ligadas a produção da roça e da farinha de mandioca. Nas aulas de geografia os professores propõem que os alunos desenhem a roça, os materiais utilizados para o fazer da roça e da farinha de mandioca. Trabalha também a música, como exemplo a DANÇA DAFARINHADA, relacionado ao trabalho agrícola dos moradores.

Nas aulas de história a EMEIF. Artur Igreja, as atividades tratam da história da África, ressaltando a importância desses povos para construção da nossa identidade, enfatizando as coisas boas existentes nos países africanos, desconstruindo discursos midiáticos que por vezes mostra apenas as coisas ruins desses países, como, a fome a miséria a guerra, doenças, na mesma disciplina e abordado a história da Comunidade Quilombola São José de Icatu, os professores propõem que os alunos façam a árvore genealógica de sua família, buscando as suas ancestralidade para que assim compreendam melhor a história de seus antepassados.

Músicas de identidade negra também fazem parte da prática da escola, como exemplo a música: *Eu sou quilombola*:

Ei meu pai quilombo eu também sou quilombola,
 A minha luta e todo dia e toda hora,
 Ei meu pai quilombo dizem que Zumbi morreu,
 Zumbi está vivo, em quem luta como eu
 (Autor desconhecido).

A partir da música os alunos são instigados pelo professor a refletir acerca da letra da música, sobre quem foi Zumbi dos Palmares, e a importância da sua luta na libertação dos escravos, sendo o símbolo de resistência dos negros. Essas atividades se nota na fala da aluna

do 4º ano do ensino fundamental **Keyciane da Silva Magalhães**, idade 10 anos: “Na matéria de história, a gente aprende a história da comunidade, que fala que a comunidade tem o nome de remanescente de quilombo, fala de Zumbi dos palmares, que é nosso herói, que lutou pela justiça e pela liberdade.”

Segundo o professor Domingos Flavio Lopes Farias (professor da comunidade), a escola se propõe trabalhar a inter-relação dos saberes com as práticas escolares, porém ainda se tem algumas dificuldades para exercer esse trabalho.

Não trabalhamos na quantidade que a gente queria que fosse né, mais do pouco que a gente trabalha, acredito que a gente tá fazendo valer né, a valorização da identidade, da cultura da comunidade, a escola propõe isso pra justamente ta garantindo, e fazendo esse resgate cultural de certa forma de algumas temáticas que a gente acha que vinha se perdendo (Domingos Flavio Lopes Farias, professor da escola Artur Igreja).

Nas palavras do professor percebe-se que referente a sua pratica há interesse em tratar dos saberes da comunidade em sua metodologia de trabalho. Porém para executar essas atividades além do entendimento professor sobre o e educação quilombola e necessário que o estado cumpra com o seu dever, e isso e uma das dificuldades colocadas pelo professor Domingos Flavio Lopes Farias, conforme relata:

A escola tem essa dificuldade maior de poder trabalhar mais a questão da valorização da cultura local, e que justamente o poder público, no sentido da SEMED (secretaria municipal de educação), não dá esse apoio né, nós já propusemos até que se criasse uma secretaria que atendesse a questão quilombola dentro da SEMED, gostaríamos que fosse criado uma coordenação especifica pra atender as demandas quilombolas mas infelizmente não tivemos sucesso na criação dessa coordenação (Domingos Flavio Lopes Farias, professor da comunidade).

Assim, a partir da fala do professor percebe-se o descaso do governo municipal em implementar a educação quilombola nas escolas quilombolas seguindo os princípios da resolução 08/2012, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica.

Contudo, os saberes culturais, as vivência dos quilombolas de São José do Icatu, como elementos pulsantes da sua ancestralidade negra/quilombola ou resistentes do processo escravistas, vão se constituindo ao longo do tempo como base de sobrevivência identitárias de negros e negras, que não se submeteram ao processo escravista, pelo contrário criaram diferentes formas de resistências, que vão se perpetuando e sendo repassadas de uma geração para outra. E assim, seus ecos, alimentados pelas vivencias e memórias dos seus habitantes, eclodem, se insurgem, ainda nos dias atuais, estruturando a vida dos moradores desta

comunidade quilombo, através dos rituais símbolos de curas com ervas medicinais, se entrelaçando nas relações sociais generosas do trabalho.

Daí, por que se defesa e reivindica uma educação quilombola que atende as necessidades dos habitantes dessas comunidades, através de um currículo que incorpore nas atividades educacionais constituição histórica, saberes tradicionais, manifestações culturais, formas de trabalhos e vivencias, respeitando as questões etnorraciais, permitindo que o processo educativo formal, também seja um instrumento de luta dessa população.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os povos negros no Brasil têm vivenciado em toda sua história, diversas formas de violação de direitos, e em tempos atuais não tem sido diferente. Entretanto vale ressaltar que assim como fomos atacados, também fizemos resistência e de vários modos, dentre os quais, a que nos mantém até os dias atuais em Comunidades quilombolas em várias regiões do Brasil.

Nos últimos anos, no Brasil, temos vivenciado, novas tentativas de aniquilamento dos povos que em sua história e cultura, vem criando e recriando resistência ao estado opressor. No campo da política brasileira temos assistido, ações de um “desgoverno”, que anuncia e já põe em prática o projeto de desmantelamento de nossos direitos, procurando criar formas simbólicas de nós “reescrivizar”, violentando os povos tradicionais. Vivenciar esses tempos estranhos, ao mesmo tempo que construo esta pesquisa, tem sido desafiador, pois vejo que este trabalho, tem sentido revolucionário, enquanto visibilidade ao nosso povo.

Assim, a pesquisa tratou sobre os elementos da inter-relação entre saberes da educação informal com os saberes da educação formal.

De tal modo, a pesquisa buscou analisar as práticas curriculares desenvolvidas na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Artur Igreja, da Comunidade Quilombola São José do Icatu, município de Mocajuba – Pará, na perspectiva de verificar se nos conteúdos utilizados nesta escola abordam questões relacionadas a história, manifestações culturais, formas de trabalhos e vivências cotidianas dos seus habitantes.

Encontramos, a partir da investigação, com base em documentos, observações participante, análise documental, registro fotográfico e entrevistas, o entendimento de que é por meio da educação-cultura que a Comunidade se faz quilombola. Dessa forma, delinearemos, a seguir, os resultados a que chegamos:

Em termos de saberes culturais a pesquisa revelou na vivência dos sujeitos quilombolas, elementos da ancestralidade negra/quilombola, que no passado forma base para sobrevivência dos negros refugiados, se perpetuando entre eles por gerações, e que ainda nos dias atuais, estruturam a vida dos moradores deste quilombo, sendo símbolo de curas através das ervas medicinais, nas relações sociais generosas do trabalho.

Em termos de Educação, a pesquisa revelou dois tipos de educação, que não estão inter-relacionadas as práticas escolares, no que concerne acompanhamento pedagógico do sistema educacional municipal. Assim, as práticas dos professores relacionadas a cultura, história, identidade, religiosidade e forma de trabalho, se apresentam como resistências nas iniciativas dos próprios professores, mesmo desassistidos pelo sistema educacional local.

Portanto, esta pesquisa longe de ser concluída, encaminha novas indagações que poderão servir de base para outras pesquisas, principalmente, em relação ao currículo, educação quilombola e cartografias de saberes da cultura negra quilombola, que possam contribuir ainda mais para o fortalecimento da luta do povo negro, com uma educação, que atende as necessidades dos habitantes destas comunidades, através de um currículo que incorpore nas atividades educacionais constituição histórica, saberes tradicionais, manifestações culturais, formas de trabalhos e vivências, respeitando as questões etnorraciais, permitindo que o processo educativo formal, também seja um instrumento de luta dessa população.

FONTES DA PESQUISA

a) FONTES ORAIS:

Floriano Lopes Farias

Prof. Domingos Flavio Lopes Farias

Jose Miguel Brito

Dona Lourença de 55 anos

Keyciane da Silva Magalhães

Efrain Souza

Raimundo Guardin Pereira da Igreja

b) FONTE ESCRITA:

Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Artur Igreja, da Comunidade Quilombola São José do Icatu, município de Mocajuba – Pará

Título de Posse da Associação Remanescente de Quilombola de Quilombola São José do Icatu

c) FONTES IMAGÉTICAS:

Imagens fotográficas feitas no decorrer da pesquisa de campo. Além das que foram encontradas nos acervos familiares das pessoas entrevistadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA M. A. B. & SANCHEZ L. P. **Implementação da lei 10.639/2003- competências, habilidades e pesquisas para a transformação social.** Proposições, v. 28, n. 1 (82) jan./abr. 2017.
- ANDRE, M. **Etnografia da pratica escolar.** São Paulo: Papirus 2005a.
- BRASIL, Lei nº10639, de 9 de janeiro de 2003.
- BRASIL, Resolução CNE/CEB 8/2012. **Diário oficial** da união, Brasília, seção1. p.22C.
- BRANDÃO, C. R. **Vocação de Criar: Anotações sobre a cultura e as culturas populares.** Cadernos de pesquisa, v.39, n. 138, p. 715-746, set./dez.2009.
- CARDOSO, M. B. C. **Saberes Ribeirinhos Quilombolas e sua relação com a Educação de Jovens e Adultos da comunidade de São João do Médio.** Itacuruça, Abaetetuba. PPGED, UFPA-Belém 2012.
- FUNES, E. A. **Áreas das Cabeceiras - Terras de Remanescentes: Silêncio, Matá, Castanhaduba, Cuccé Apuí e São José.** Comissão pró Índio. São Paulo, agosto de 1999.
- FURTADO, M. B., SUCUPIRA, R. L., & ALVES, C. B. **Cultura, identidade e subjetividade quilombola: Uma leitura a partir da psicologia cultural.** Psicologia & Sociedade, 26(1), 2014.
- GOMES, Flavio dos Santos. **Mocambos e quilombos: Uma histórico do campesinato negro no Brasil** .1 ed. São Paulo. Claro Enigma. 2015- Coleção agenda brasileira.
- GOMES, Verónica. **Organização social e festas como veículos de educação não-formal.** Programa Salto para o Futuro, SEED-MEC, boletim 10, junho de 2007.
- GOMES, Nilma Lino. ALGUNS TERMOS E CONCEITOS PRESENTES NO DEBATE SOBRE RELAÇÕES RACIAIS NO BRASIL: UMA BREVE DISCUSSÃO. IN: Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/Alguns-terminos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre-Rela%C3%A7%C3%B5es-Raciais-no-Brasil-uma-breve-discuss%C3%A3o.pdf>
- GOMES Lino, Nilma. A trajetória escolar de professoras negras e a sua incidência na construção da identidade racial - um estudo de caso em uma escola municipal de Belo Horizonte, Ano de Obtenção: 1994. Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Brasil.
- MINAYO, Maria Cecilia de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, e criatividade.** 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MUNANGA Kabengele. **Origem e história do quilombo na África**. Povo negro, revista USP, São Paulo (28):56-63, dezembro/ fevereiro 95/96.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. **Filhas das Matas: práticas e saberes de mulheres quilombolas na Amazônia Tocantina**. Belém: Editora Açai, 2010.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. **Nas Veredas da Sobrevivência**: memória, gênero e símbolos de poder feminino em povoados amazônicos. Paka Tatu: Belém, 2004.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. **Os remanescentes de quilombolas na região do Tocantins (PA)**: história, cultura, educação e lutas por melhores condições de vida. IN: Dimensões da inclusão no ensino médio: mercado de trabalho, religiosidade e educação quilombola. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO/MEC, 2006.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. **Memória, oralidade, danças, cantorias e rituais em um povoado Amazônico**. Cametá: B. Celeste de M. Pinto. Editora, 2007.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes Pinto. **Samba de cacete: ecos de tambores africanos na Amazônia Tocantina**. IN: Tambores e batuques Sonora Brasil - Circuito 2013 – 2014. – Rio de Janeiro: Sesc. Departamento Nacional, 2013.

RODRIGUES, Adenil Alves e Martins Egídio. **Os saberes dos pescadores da colônia de pescadores artesanais Z-16 de Cametá P-A construídos a partir das relações do trabalho da pesca**. Cametá,2015.

SACRISTAN, J. Gimeno. **Saberes e incertezas sobre o currículo**. Ed. Penso, 2013.

SILVA, G. M. **O currículo escolar: Identidade e Educação Quilombola**. Brasília, janeiro de 2011.

SOUSA, Barbara Oliveira. **Aquilombar-se: panorama histórico, identitário e político do movimento quilombola brasileiro**. Dissertação de mestrado, Programa de pós-graduação em antropologia social, universidade de Brasília, Brasília, DF.2008.